

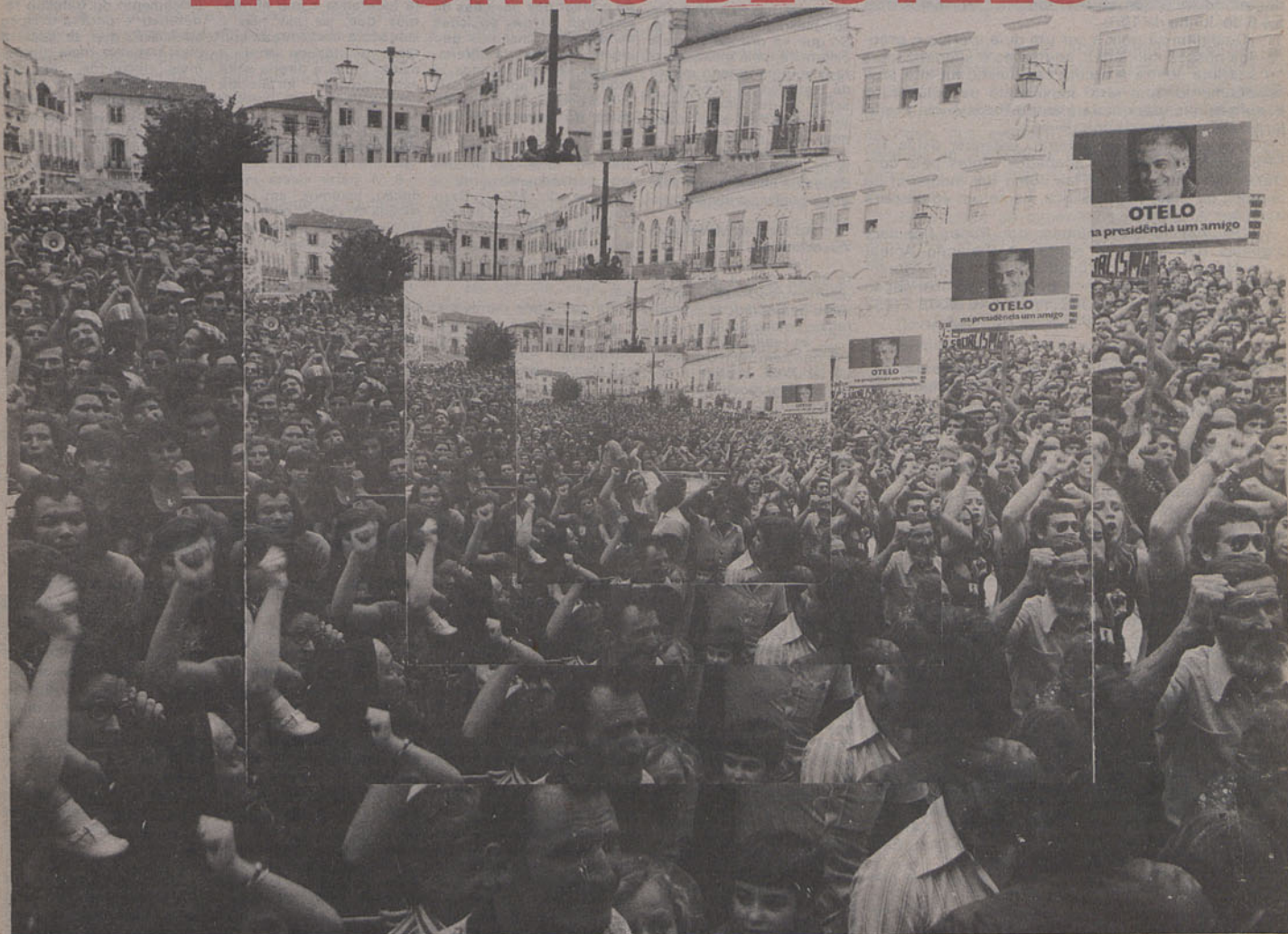
Poder Popular

Director: Eduardo Ferro Rodrigues

Órgão do Movimento de Esquerda Socialista

Ano I N.º 46 24/30 de Junho de 1976 Preço 4500

MOVIMENTO IMPARÁVEL EM TORNO DE OTELO



O MES saúda calorosamente Otelos e o Movimento Popular de apoio à candidatura de unidade para a vitória da esquerda, da liberdade, democracia e socialismo

Sexta, 25 — LISBOA
Todos ao Terreiro do Paço
LEVAR
O 25 DE ABRIL
À PRESIDÊNCIA

ESCOLAS — Objectivos para a luta

Nesta fase, o Movimento Popular deve constituir um poderoso movimento de **resistência popular**. A Resistência Popular à ofensiva da burguesia e à ameaça fascista tem como motor e força decisiva a mobilização e a luta dos explorados e oprimidos e exige o levantamento de uma **frente de massas antifascista e anticapitalista** capaz de unir as massas populares na luta contra a opressão e exploração, a repressão e a mentira, na defesa das conquistas alcançadas.

As grandes tarefas que se colocam aos comunistas nas escolas são claras: desenvolver uma tática que faça o movimento de resistência popular ganhar características de massa em todos os sectores de luta; unir os revolucionários nas escolas, relançar um forte movimento de massas nos estudantes e dotá-los de estruturas organizativas, capaz de:

Lutar consequentemente contra a ameaça fascista

Lutar contra a consolidação do Poder Burguês (a reconversão capitalista das escolas).

Unir os estudantes ao povo nos grandes objectivos de luta da actual fase de resistência popular.

Os «OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS E TÁCTICOS PARA AS ESCOLAS» são as conclusões internas dos trabalhos da 1.ª Conferência Nacional dos Estudantes do MES que se realizou em Lisboa nos dias 5 e 6 de Junho de 1976.

Destinam-se pois a ser um guia teórico e prático dos nossos militantes, aderentes e simpatizantes na sua luta contra a escola capitalista, na luta pelo relançamento dum forte movimento de estudantes integrado nas grandes tarefas de Resistência Popular ao fascismo e ao capitalismo.

Não podemos, no entanto, entender estas TESIS como um «manual acabado». Antes pelo contrário, devemos entendê-las como um momento de impulso da discussão política, como um «guia para a acção».

Divulgamos neste número do «Poder Popular» algumas das teses do ponto «A Situação Actual e os Novos Objectivos Imediatos de Luta». Brevemente sairá a público uma brochura de divulgação externa dos nossos «OBJECTIVOS TÁCTICOS E ESTRATÉGICOS DE LUTA PARA AS ESCOLAS».

A ACTUAL SITUAÇÃO

1. Os grandes objectivos táticos, atrás definidos têm sido levados por nós à prática parcelarmente, escola por escola, através do lançamento de um trabalho de unidade revolucionária, que tem chamado à acção os estudantes mais capazes de assumir um programa revolucionário, anticapitalista, no seio dos aparelhos escolares.

Apesar de, nesta última fase, termos dado uma importância grande à intervenção nas estruturas democráticas (AAEE principalmente) **ela tem sido feita numa perspectiva de intervenção interna à escola**, bastante avançada, quase sempre suportada pelas estruturas de unidade revolucionária e como o mesmo discurso destas.

2. A realização nos últimos meses, dos ENDA (Encontro Nacional de Direcções Associativas) levanta uma questão à qual teremos de dar uma resposta muito clara:

— **estão ou não estão reunidas as condições mínimas, objectivas e subjectivas para o relançamento do movimento dos estudantes com um carácter de massa, assente no fundamental, na estruturação federativa?**

Se respondermos pela negativa, então a nossa linha tática de intervenção apenas carece de alguns ajustamentos.

Se respondermos pela afirmativa, teremos de definir claramente as novas linhas táticas pelas quais se irá pautar a nossa intervenção.

3. Responderemos pela afirmativa. Estão de facto reunidas as condições mínimas para, através da inter-

venção consciente das posições progressistas e revolucionárias, se produzir aquele relançamento.

CONDIÇÕES OBJECTIVAS:

a) Exterioirmente à escola

— o avanço progressivo para a direita do poder dominante, com o consequente ataque às conquistas populares, abre condições para o renascimento no corpo estudantil das suas tradições de luta antifascistas.

— a crise de desemprego que o País conhece alastra-se já aos técnicos, e começa-se a fazer sentir com um certo grau à saída das Universidades. A curto prazo, este vai ser o campo de luta sensibilizador da massa estudantil.

b) Internamente à escola

— o MEIC tem desenvolvido uma política que tem um objectivo muito claro: A RECONVERSÃO CAPITALISTA DA ESCOLA. Esta política passa por:

— estabelecer «novos» planos de estudo

— estabelecer «novos» métodos de trabalho

— substituir o actual corpo docente por outro que lhe dê garantias de docilidade política.

— adequar os critérios de selecção aos seus objectivos

— restringir fortemente o acesso aos graus superiores do Ensino

— criar escolas novas (paralelas)

Ora, tudo isto só será possível atacando frontalmente a gestão democrática para o total restabelecimento do controlo da escola pelo aparelho de Estado. Não o podendo fazer (pelo menos nesta fase) pela repressão física aberta, o MEIC tem seguido uma tática

de astúcia burocrático-económica tentando mostrar que os novos órgãos de gestão são incapazes de controlar um aparelho tão complexo como é a escola. Só que «o tiro sai-lhe pela culatra» e, pelo menos nesta fase, uma grande massa de estudantes começa a sentir um descontentamento anti-MEIC e anti-Governo.

— a juntar a isto, acumula-se as próprias incapacidades da classe dominante em organizar o sistema escolar.

c) Ao nível do Movimento Associativo

— a posição de uma certa força que a Esquerda mantém nas AAEE e estruturas democráticas em geral, no Ensino Superior.

— as realizações do ENDA que tem reunido cerca de 90 AAEE e onde a Esquerda tem mostrado capacidade de ganhar a maioria.

CONDIÇÕES SUBJECTIVAS

a) Ao nível subjectivo das massas estudantis, continua-se, a viver um clima contraditório, resultante, no fundo, das múltiplas interferências nos estudantes e na instituição escolar dos conflitos abertos com o 25 de Abril.

É, no entanto, possível afirmar que, depois de uma fase de claro ascenso das forças fascistas e fascizantes, assistimos a uma tomada de iniciativa da Esquerda em geral, que aparece aos olhos dos estudantes com uma «credibilidade» que não podemos desprezar.

b) No seio da própria Esquerda, principalmente ao nível do trabalho federativo, tem sido possível encontrar formas de unidade para situações concretas.

c) Nas situações concretas de unidade que tem sido possível construir, os revolucionários têm conseguido uma importante posição.

a) Apesar de um certo amorfismo, os estudantes têm comparecido em massa nos processos de votação o que mostra uma confiança e credibilidade nas estruturas democráticas.

4. Todos estes factos nos levam a afirmar que, não estando suficientemente amadurecidas as condições que ofereceriam uma garantia de vitória, estão, no entanto, reunidas as condições mínimas para o relançamento do movimento de massas em torno do trabalho federativo e da

criação da UNEP.

Importa introduzir agora outra questão — a médio prazo (um ano) joga o tempo a favor das posições de esquerda ou das posições de direita? Pensamos que jogarão a favor da direita, ou por outras palavras, a esquerda tem agora, a curto prazo, uma oportunidade única de avançar. E isto porque:

Só com um aparelho federativo forte se poderá opor consequentemente às medidas do MEIC. Caso contrário, a pouco e pouco, o MEIC ganhará trunfos e a gestão democrática começará a ser posta em causa pelos próprios estudantes.

Porque, neste momento, a grande maioria dos estudantes tem confiança nas estruturas democráticas que elegeram e serão, por certo, mobilizados em torno da construção de uma estrutura federativa.

5. Por tudo isto, nós dizemos que não só estão cria-



Crise de Coimbra, 1969. Aos pedidos de diálogo, o ministro Elmano Saraiva respondeu com a policia de choque.

das as condições mínimas para se lançar uma estrutura federativa como afirmamos que, se ela não é lançada a curto prazo (durante o próximo ano), a médio prazo a direita sairá extremamente fortalecida nas escolas.

OBJECTIVOS IMEDIATOS DE LUTA

6. A partir desta introdução estamos em condições de definir as formas e conteúdo da nossa intervenção. Ela será no fundamental a articulação de dois níveis de luta:

A intervenção de unidade revolucionária, claramente anticapitalista, virada mais para um trabalho de frente política, ideológica e cultural, de ligação às problemáticas operárias, minando neste terreno as tentativas de reconversão capitalista do ensino.

uma forte intervenção no

seio das estruturas democráticas, virada para o lançamento do trabalho federativo e para a criação da UNEP, que se bastará num trabalho mais amplo, mais «recuado», centrado no essencial na luta contra os mecanismos mais salientes do plano de reconversão capitalista para as escolas (boicote financeiro, «numerus clausus», revisão de programas progressistas, reintrodução de saneados, etc.).

7. Estes dois níveis de luta obedecem, no entanto, aos mesmos objectivos políticos:

Contra a reconversão capitalista nas escolas

Contra a ameaça fascista

Contra a cultura e ideologias burguesas.

Por uma ligação à luta dos trabalhadores.

Só que terão, obviamente que ter formas, pontos imediatos de luta e estruturas organizativas próprias.

A luta na Função Pública

Num momento em que pesa sobre os trabalhadores da Função Pública a ameaça de redução a 60 por cento do ordenado e a colocação arbitrária em qualquer ponto do país (dec. 294/76) no momento em que se desenhavam claramente as intenções do Governo de manter as diferenças salariais dentro da F.P. através do projecto de reclassificação, de voltar a instituir o sistema de denúncia por parte dos responsáveis de serviços tão querido dos tempos do fascismo através do dec. anti-greve, a direcção sindical provisória dos TFP, próxima do PCP, faz um trabalho de autêntico boicote, utilizando processos desmobilizadores (demoras de impressão de propostas, não distribuição das mesmas, etc.) que, tem sido como resultado a total desorganização do sector.

A Assembleia regional de delegados é bem um exemplo. Os delegados sindicais, em maioria brincam com os interesses dos trabalhadores, discutindo, horas a fio,

questões secundárias, reproduzindo o clima de funcionamento de uma assembleia burguesa que não tem nada a ver com os trabalhadores que em teoria representa. Só quando os TFP se aperceberem que é aquela assembleia que não permite a sua organização e só quando correrem em cada local de trabalho com os delegados que não defendem os seus interesses poderemos aspirar a ter um sindicato da FP a funcionar com os trabalhadores e não com o patrão Estado.

É evidente que para tal é necessário substituir a direcção provisória por uma definitiva que não traia os trabalhadores.

Esses procedimentos da Direcção provisória levaram a um adiamento da luta organizada contra os decretos inconstitucionais do Governo a ponto de, depois de uma concentração que, por ser pessoalmente convocada, foi um falhanço, só se iniciaram outras formas de lu-

ta no princípio de Julho, isto é, num dos meses em que maior percentagem de funcionários vão de férias. Assim se abre caminho para a desmobilização, para se poder dizer que é melhor desistir porque os TFP não estão dispostos a pôr em risco o seu vencimento, enfim, assim se abre caminho ao Governo para instalar o regime que defenda os interesses que representa.

Mas os trabalhadores vão-se apercebendo pouco a pouco deste estado de coisas e já vemos começar a criar-se em volta da luta principal da FP, o INE, um embrião de organização que tem de ultrapassar essa luta, cujo fim, semi-vitório em termos de reivindicações e totalmente vitorioso em termos de unidade dos trabalhadores do INE, parece já desenharse por cedência parcial do Governo. Tal embrião poderá pôr a estrutura sindical ao serviço dos TFP se aqueles que estão verdadeiramente interessados nisso trabalharem no mesmo sentido.

Temos que criar a organização que a nova situação impõe!

O Movimento Popular de apoio à candidatura de Oteio não é um episódio aberrante do processo político. Não é um facto menor da luta do Povo nem um facto marginal no desenvolvimento da nossa revolução, como querem fazer crer as sucessivas declarações e tomadas de posição dos dirigentes do PCP.

Só um cego poderá negar a extraordinária envergadura das manifestações de apoio à candidatura de Oteio, desde o dia 29 de Maio no Porto, passando por todos os pontos do País nos quais Oteio tem recebido a mais entusiástica aderência de amplas camadas populares.

Esta larga adesão de massas à candidatura de Oteio é não só o resultado do profundo descontentamento popular pela política de sucessivos Governos de conciliação de classes, que não têm resolvido os mais importantes problemas do nosso povo, como da correcta política de Unidade Popular que as forças políticas revolucionárias, com o MES à cabeça, têm vindo a concretizar depois da derrota do 25 de Novembro.

Esta política revolucionária assente na profunda confiança na capacidade das massas em avançar na luta contra a ameaça fascista e contra a recuperação capitalista, tem posto nestas eleições presidenciais a nú o carácter revisionista da política do PCP que conduz, como resultado da falência da sua tática, ao mais profundo desprezo, quer pelos mais destacados militantes antifascistas, como Oteio, quer pelo próprio movimento de massas, que se desencadeou no apoio à sua candidatura.

Está posta em evidência qual a política preconizada pelo PCP em relação ao movimento de massas: aplaudi-lo quando serve os intentos da sua política de conciliação com a burguesia democrática e espezinhá-lo quando se manifesta em favor da afirmação e fortalecimento da organização política revolucionária das massas, independentemente de compromissos com a burguesia.

Está posta em evidência a sua política de desprezo pelos militares antifascistas e democratas que sejam capazes de assumir posições independentes e revolucionárias, como Oteio, e que conduz a que

militantes do PCP escrevam, por exemplo, nas paredes da vila gloriosa do Barreiro, frases como: «Oteio vai dividir a direita»; «Oteio vai para o Brasil»; etc., aquando da sua visita àquela vila onde foi entusiasticamente recebido por mais de 20 000 operários e trabalhadores.

A bancarrota da política do PCP não é para nós motivo de galhofa ou de histórico optimismo, mas, pelo contrário, razão para aprofundar a nossa consciência da natureza e papel do revisionismo na época actual e para avançar cada vez com mais decisão e firmeza no caminho da criação de condições para a formação de uma organização política de massas, que o movimento de massas em apoio à candidatura torna possível e necessária.

Não deve ser tão pouco motivo para nos cegar em relação às dificuldades em avançar nesse caminho difícil da unidade dos revolucionários e do Povo, condição essencial para que o Movimento Popular de apoio a Oteio e à sua candidatura não caia por terra como um baralho de cartas. Não deve servir para escamotear as verdadeiras divergências que separam as forças revolucionárias nem para nos amolecer no combate a dar ao sectarismo que existe no seio do próprio Movimento Popular de apoio a Oteio.

No entanto, hoje, é certo que já não é possível recuar no processo de unidade entre os revolucionários e o Povo. É o próprio Povo que o exige. Hoje já não é possível desfazer os GDUPs ou sabotar o Movimento de Unidade Popular de que os GDUPs são um embrião organizativo. Assiste-se a um salto de qualidade no movimento de massas que, com vitória ou derrota eleitoral, com ou sem segunda volta, nas eleições presidenciais, nos deixa perante a responsabilidade histórica de apoiar activamente a formação de uma nova organização que tendo uma clara vocação unitária e popular seja uma garantia de que a confiança do Povo na Revolução não será traída.

Para nós não se trata de promover uma ligação frentista entre os partidos minoritários que apoiam Oteio. É necessário que este ponto seja claramente compreendido por todos os camaradas.



Trata-se de apoiar activamente a criação de uma organização política de massas que possa ter a participação a todos os níveis, desde a direcção à base, de activistas sem partido, homens e mulheres do Povo, que anseiam antes de mais a barrar o caminho ao fascismo, e defender as conquistas populares e a avançar na Revolução a caminho do Socialismo.

Nela terão de caber todos, militares ou civis, socialistas ou democratas, comunistas ou antifascistas, militantes com ou sem partido.

Esta não poderá ser uma frente de partidos nem a frente de massas de qualquer partido.

Terá que ser a nova organização que esta situação nova exige e impõe aos revolucionários.

Estão criadas as condições para que venha a ser uma realidade, se para a sua criação todas as organizações revolucionárias dedicarem o fundamental das suas energias e da sua capacidade política. Se forem capazes de vencer o sectarismo e unirem esforços nesse sentido comum.

Só a compreensão exacta da necessidade histórica da unidade para o triunfo do Socialismo pode ser garantia do prosseguimento da luta e da organização popular no caminho da vitória da esquerda.

**APOIA OTEIO! VOTA OTEIO! FORMA GDUPs!
UNIDADE POPULAR PARA O SOCIALISMO!**

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

O 25 DE JUNHO

No momento em que a R. P. Moçambique celebra o 1.º aniversário da Independência, os militantes do Movimento de Esquerda Socialista saudam todo o povo moçambicano e a sua vanguarda revolucionária, a Frelimo.

Os militantes do nosso partido, juntamente com todos os que, em Portugal, lutam pela democracia e pelo socialismo, procurando neste momento unir todas as forças do movimento popular à volta da candidatura de Oteio Saraiva de Carvalho, acompanham com todo o interesse e em total solidariedade, em atitude prática de internacionalismo militante, a nova fase da luta do povo de Moçambique.

Depois de ter vibrado os golpes decisivos no colonialismo português, abrindo uma profunda brecha no sistema de dominação imperialista à escala mundial, o povo de Moçambique entra numa nova e dura fase de luta de classes, enfrentando as enormes

tarefas de reconstrução nacional para a edificação de uma sociedade justa, livre da exploração e da opressão.

Em Portugal, onde defrontam o mesmo inimigo, embora revestindo características diferentes e num contexto político e social distinto, os revolucionários, procurando ter os olhos bem abertos para esta realidade, inspiram-se no grande exemplo da FRELIMO e do Povo de Moçambique.

Em Portugal, como em Moçambique,
A LUTA CONTINUA!
A VITÓRIA É CERTA!
VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!

Lisboa, 22 de Junho de 1976.

A Comissão Política do Comité Central do MES

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100\$00

12 meses 200\$00

apoio 400\$00

estrangeiro Europa 500\$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

Profissão _____

JORNAL SEMANAL _____ todas as 4.ªs-feiras

Propriedade
do Movimento de Esquerda Socialista

Administração - Redacção
Av. D. Carlos I, 132, Lisboa
telefone 66 26 29

Composição e impressão
Renaissance Gráfica SARL
Rua Luz Soriano, 44 - Lisboa

PCP — uma política que divide o Movimento Popular

O PCP, através dos seus dirigentes ou publicistas oficiais, vem manifestando uma crescente intolerância pela candidatura de Otelo e pela campanha eleitoral que tem vindo a desenvolver-se em seu apoio.

Essas posições, manifestadas muitas vezes em termos caluniosos, escondem uma profunda incapacidade e também um enorme pânico.

Incapacidade para entender que existe em Portugal uma tendência revolucionária com tradição no movimento de massas e que é orgânica e estrategicamente independente do PCP, pânico motivado pelo crescimento e alargamento dessa tendência, pela sua unificação em torno do Programa da candidatura de unidade popular de Otelo e pelos passos que ela permite dar no sentido da criação de uma organização política de massas com larga implantação e aceitação popular.

O tom das acusações do PCP a Otelo e da crítica à sua candidatura tem vindo a aumentar de intensidade. Coincidindo com o constante alargamento do apoio popular a Otelo e à evidente falência da sua política partidária para estas eleições presidenciais, o PCP já não distingue nos seus ataques, como até agora fazia, aquilo que intitula de «grupos esquerdistas» e a própria figura de Otelo, que é atacada um tom mais próprio de um qualquer partido de direita.

Os dirigentes do PCP e os seus publicistas de serviço têm, assim, vindo a demonstrar cada vez com mais clareza que não os preocupa analisar as razões de fundo e a natureza da corrente revolucionária presente no nosso processo político e afirmada com toda a evidência no movimento de massas de apoio a Otelo.

Em Portugal, não é possível unir o movimento popular, garantir a defesa e o avanço das conquistas da Revolução sem os revolucionários e muito menos contra os revolucionários. Mas o PCP visa, por esta forma, iludir a real força da componente da esquerda revolucionária no movimento de massas, a sua real importância e o seu papel no processo político revolucionário e, se possível, liquidar as suas expressões organizadas a nível partidário.

Nós apontamos ainda antes do fim das legislativas que as presidenciais iriam ser um momento decisivo para a afirmação de uma alternativa revolucionária, já que o Presidente da República terá, segundo os mecanismos estabelecidos na Constituição aprovada, largos poderes que de forma alguma podem ser menosprezados. O PCP mais

uma vez foi consequente com a sua política de conciliação e de menosprezo pelo movimento popular e pelas reais e profundas aspirações do nosso povo.

O PCP amarrado a compromissos definitivos no plano interno, consequentes com a política global dos Partidos Comunistas para a Europa do Sul, foi obrigado a fazer uma paragem táctica, a uma perda de autonomia e iniciativa táctica, reservando a sua posição face ao apoio a dar a um candidato das decisões de instâncias que lhe são alheias no plano militar e no plano civil. Esperou os consensos no Conselho da Revolução, na direcção do PS. Mais tarde jogou na pressão sobre Costa Gomes. Mas tudo falhou. O Conselho da Revolução optou por Eanes praticamente sem oposição expressa, o PS optou por Eanes por escassa maioria nos seus órgãos dirigentes superiores, e Costa Gomes optou por não aceitar candidatar-se.

O falhanço estratégico previsível da política da «maioria de esquerda» (que a ser possível teria levado, entre outros objectivos, à apresentação de um candidato com o apoio do PS e do PCP) e o falhanço da táctica eleitoral do PCP (a que, apesar disso, o PCP se mantém preso, e, o que é mais grave, procurando isolar a componente de esquerda e de unidade que se manifesta à volta da candidatura de Otelo e do apoio crescente das massas trabalhadoras ao seu claro programa de luta contra a recuperação capitalista e repressiva do 25 de Novembro) não são um pequeno incidente a menosprezar na marcha do processo revolucionário. Nós não o menosprezamos. O seu a seu dono.

Ao PCP cabe retirar os ensinamentos dos seus erros. A nós cabe-nos desenvolver a nossa própria política, realizar as nossas próprias alianças, retirar as ilações dos nossos próprios erros, combater o inimigo principal não deixando de criticar os adversários de uma forma consequente e com a dureza que julgarmos necessária para levar avante as tarefas que a nós, próprios nos propomos e que decorrem das nossas concepções, do nosso programa, e da nossa estratégia.

Assim não pode passar em claro a mediocridade do publicismo «comunista» presente nesta campanha eleitoral. Não pode passar em claro o carácter ultra sectário das posições do PCP.

Sectarismo que tem sido uma constante da política do PCP mas que a candidatura de Oatvíio Pato tornou muito mais claro aos olhos das massas, mostrando que o PCP — que tanto fala da unidade da esquerda — apenas está interessado

em aumentar a sua força contratual com a burguesia para poder manter posições no aparelho de Estado burguês.

Só desta forma se compreende que Pato vá à televisão dizer que «... não é a questão de mais ou menos movimento popular que alterará a composição da Assembleia!», isto é: primeiro olha-se para o parlamento, depois para o movimento real que as massas trabalhadoras procuram nesta altura avançar e desenvolver!

O PCP coloca, assim, os seus interesses partidários reformistas acima dos interesses das massas populares, preferindo a divisão à unidade do movimento popular.

A nossa posição é a de admitir uma luta e uma discussão no seio do movimento operário e das forças de esquerda.

Nós não admitimos a supressão dessa discussão nem a redução dessa luta a um combate sectário. Nós não reduzimos o movimento popular à ideia que nós próprios dele possamos fazer.

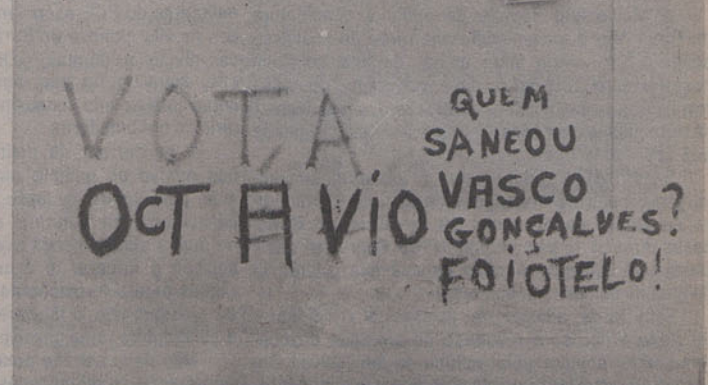
E se, como no caso da candidatura de Otelo, o PCP se vê obrigado a utilizar os mais absurdos métodos para a denegrir, os seus dirigentes e todos os que seguem as suas directrizes só podem tirar uma ilacção: algo vai mal quando não há capacidade para prever e muito pior quando se trata de questões políticas de crucial importância.

Como não encontrar melhor definição para a candidatura de Otelo do que «uma grande operação esquerdista com o objectivo ilusório de minar a influência do PCP na classe operária e nas massas trabalhadoras?» (afirmação de Carlos Brito, membro responsável do PCP do mais alto escalão no comício na Fonte Lumina).

Então o movimento de massas não tem as suas leis próprias? Então o movimento de massas no nosso país é fruto de acções e «operações esquerdistas»?

Para nós, quando a classe operária, os trabalhadores, o povo explorado e oprimido se consciencializa para apoiar a candidatura de Otelo e o seu programa, isso não é resultado senão de uma situação concreta cujos fundamentos se podem encontrar numa análise da luta de classes no seu estágio actual.

As razões do apoio popular a Otelo não se poderão nunca encontrar em desejos de afirmação de uma esquerda minoritária, mas sim no querer e no sentir de largas massas de trabalhadores e do Povo português que vêem na candidatura de Otelo a grande possibilidade de contrariar os efeitos e as consequências do golpe



reaccionário do 25 de Novembro (que Eanes dirigiu e o PCP escamoteia), lançando de novo todo o vigor da sua luta antifascista e anticapitalista, para a defesa e o avanço de tudo aquilo que essa luta já alcançou.

O que acontece é que a luta de classes não pode ser contida nos quadros da política do PCP!

A luta de classes está viva, por mais que dela se queiram isentar os políticos e os parlamentares, mesmo que a queiram meter entre parêntesis para nela se conduzirem com «segurança» e «tranquilidade».

Neste caso particular o maior Otelo é ou não um fruto dessa aguda confrontação de classes que tem

lugar no nosso país desde o 25 de Abril de 1974?

E ou não a sua candidatura a única que possibilita a unidade dos trabalhadores e do Povo português, independentemente dos seus partidos, em redor do espírito autêntico do 25 de Abril?

E ou não é esta candidatura a única capaz de erguer de novo a bandeira da luta por umas Forças Armadas não profissionalizadas, que vivam e lutem sempre junto e ao lado do povo trabalhador?

Quando o PCP diz «não hostilizar qualquer candidato militar membro do Conselho da Revolução» e se põe a atacar Otelo, que o povo trabalhador reconhece como o verdadeiro re-

presentante de umas Forças Armadas que estejam sempre ao seu lado, dizendo o PCP que assim se fundamenta «na preocupação de contribuir para a unidade das Forças Armadas — de que Forças Armadas se tratam? Das que Eanes e o 25 de Novembro reestruturaram e estão em vias de profissionalizar?»

O movimento popular de apoio à candidatura de Otelo é ou não é componente do movimento popular de massas que o PCP considera, certamente, ser um factor ao menos a ter em conta?

Era de muita utilidade que o PCP fosse capaz de responder a estas questões.

Operários de Sines Em greve contra a morte!

Os operários da refinaria do complexo de Sines entraram em greve na terça-feira de manhã, após plenário nas instalações. O motivo directo foi a morte de um camarada de trabalho, por doença súbita e sem assistência médica.

Já na anterior 4.ª-feira um outro operário morrerá vítima de queda, sem ter recebido também quaisquer cuidados médicos. Isto porquê? Por incrível que pareça, não existe actualmente qualquer médico naquelas instalações. Os 4 médicos que ali prestavam anteriormente serviço, recém-formados mas estimados pelos trabalhadores, foram chamados a cumprir serviço militar. Até hoje não foram substituídos.

Aliás, os operários exigem a sua reintegração, pela estíma que lhes ganharam. Assim se vê quais são as condições de trabalho («de assassinio», como lhe chamam os operários) daqueles que além disso, e como o «Poder Popular» já divul-

gou, têm ainda muitos outros problemas a resolver (alimentação, alojamento, salários, etc.).

Na última terça-feira, no dia a seguir à morte do camarada de trabalho, os operários vieram de Sines até S. Bento exigir a quem responsável as medidas necessárias para pôr cobro a um semelhante, e inadmissível estado de coisas.

Só que, já depois de estarem em manifestação frente a S. Bento, a polícia de choque apareceu, comandada por um major do exército e um oficial dos comandos, e pretendeu expulsar os operários de frente do palácio.

Estes reagiram, mas face aos evidentes intentos de entrar em acção por partes forças da repressão (que em tudo faziam lembrar o antes do 25 de Abril, como ouvimos um operário afirmar, dizendo ainda «pe-nante isto, para que serviu o 25 de Abril?») tiveram que deslocar-se para a es-

cadaria, para não dar pretexto à intervenção das «forças da segurança e tranquilidade» (para a burguesia, como se vê) e à recusa governamental de satisfazer as suas justas aspirações.

As consequências desta luta dos operários de Sines, que se estende já à Sorefame e tem o seu apoio, são para já, na hora em que fechamos esta edição, imprevisíveis; a concentração em S. Bento mantinha-se, esperando-se que venha a engrossar, pois os trabalhadores tinham a cara bem crispada face ao que estava a acontecer («já não basta morrerem sem assistência médica no trabalho, e ainda temos de enfrentar estes cães armados, que nós próprios é que pagamos e alimentamos pelo nosso trabalho»).

Na próxima semana esperamos referir-nos com maior pormenor a esta luta que agora desponta.

EANES

Candidato da direita

Ramalho Eanes é, nestas eleições, o candidato da burguesia. Ele conseguiu reunir apoios que vão desde o PS até... ao ELP!

Pinheiro de Azevedo repete incessantemente que ele não é do 25 de Abril, que não compreende como foram escolhidos para candidato um homem que nada tem a ver com o processo. Afirma mesmo que se demarca dele porque, sendo embora um homem da ordem e da paz, não quer que o processo recue para antes do 25 de Abril...

Também Otelo denunciou recentemente a amizade e admiração que Eanes nutre por Spínola.

Tudo isto poderia não passar de propaganda eleitoral. Mas Eanes já provou com actos as suas intenções. Ao chefiar o 25 de Novembro, planeado desde Agosto, Eanes mostrou ser con-

tra a tomada do poder pelos trabalhadores. As massas em movimento aterrorizam-no. Defende a ordem burguesa — mostrou estar disposto a lutar por ela.

O significado do 25 de Novembro tem de analisar-se nas suas consequências. Quais foram?

As Forças Armadas foram «reestruturadas» e nunca mais as voltámos a ver ao lado do povo, a apoiar as suas lutas. Pelo contrário, Eanes organiza corpos de mercenários, altamente treinados, e equipados, cabendo aos milicianos papel secundário no novo exército.

Entretanto Portugal passa a fornecer homens à NATO.

Por todo o lado a direita ganha força: os «pides» são soltos, a Reforma Agrária, restrita ao Sul, é posta em questão. Muitos patrões voltam,

enquanto são saneados trabalhadores que se salientaram na vanguarda das lutas.

Fala-se em «criar condições à iniciativa privada e aos investimentos estrangeiros»; ora isto só é possível aumentando as margens de lucro — pretende-se, pois, aumentar a exploração; fazer com que sejam os trabalhadores a pagar a crise que os patrões originaram.

Entretanto quem se alegra? A direita, claro!

Um exemplo claro: Alpoim Galvão regozija-se com a restauração(l) da democracia, enquanto Spínola dissolve o MDLP «por se acharem preenchidos os seus objectivos».

Eanes afirma repetidamente que, se for eleito, defenderá a Constituição. Pelo que já fez e pelos apoios que tem, ele não poderá deixar de

aplicá-la contra os trabalhadores.

A sua campanha, para além deste ponto, tem-se centrado nalguns pontos essenciais.

1 — Carácter suprapartidário e acima das classes, o que lhe permitiria arbitrar os antagonismos que as opõem sintetizado no «slogan» «Eanes, candidato de Portugal»;

2 — Competência e honestidade do candidato. «Slogan» «Eanes à Presidência, liberdade e competência»;

3 — Insistente repetição da situação caótica que o País atravessa e da necessidade de um salvador da pátria.

Isto são ideias que cheiram a outros tempos de nós bem conhecidos. Senão vejamos:

A NEGAÇÃO DA LUTA DE CLASSES

«Entre capital e trabalho não há oposição mas apenas diferença de função...».

Estatuto do Trabalho Nacional (1933)

COMPETÊNCIA E HONESTIDADE

«Não só profunda nos seus objectivos, a revolução deve ser séria nos seus processos. Entendo por isto duas coisas: sinceridade e gravidade.»

«A seriedade é primeiro a conformidade dos sentimentos com as ideias e a conformidade dos actos com os princípios. Na vida pública como na particular a falta de sinceridade desgosta e cansa; nenhum regime político que use a mentira como método de governo ou se contenha de verdades convencionais pode acreditar-se na alma popular.»

Salazar, 28 de Abril de 1934

O MITO DA CRISE

«Todos sabem de onde vimos — de uma das maiores desorganizações que em Portugal se devem ter verificado na economia, nas finanças, na política, na administração pública. Divisões intestinas, solidiedades equívocas na política e na administração, erros acumulados, a falta de correcção de vícios da nossa organização social, desordem constitucional permanente.»

Salazar, 30 de Julho de 1930

Eanes é spinolista!

— denuncia Otelo

Ramalho Eanes não é um homem do 25 de Abril — afirmou claramente Otelo em conferência de Imprensa realizada na segunda-feira.

Otelo acrescentaria recordar-se de ter visto apenas uma vez, Ramalho Eanes em reuniões clandestinas do MFA.

Claro que Eanes, pode argumentar que, sim senhor, «esteve» no «25 de Abril». Também Sanches Osório «esteve». O próprio Spínola «esteve». Havia o propósito de levar Spínola ao poder, à Presidência da República, para o deixar lá ficar o tempo que fosse necessário.

Otelo lembrou depois que Eanes não esconde a sua simpatia por Spínola a quem insiste em tratar por general apesar do decreto que expulsa António Spínola das Forças Armadas, mesmo depois de conhecidas as actividades de Spínola à frente de um movimento terrorista lançado contra a Revolução Portuguesa, mesmo depois de provado o carácter criminoso e contra-revolucionário da participação do mesmo Spínola no «11 de Março».

Otelo denunciaria ainda em termos mais violentos as tendências spinolistas de Eanes. Lembrando o papel que, na Argentina, Campora desempenhou quanto ao regresso do velho ditador Peron. Otelo afirmou:

«Não admira nada, disse Otelo mais adiante, que Ramalho Eanes venha a ser, para Portugal, uma espécie de Hector Campora, não me surpreenderá que o general Eanes venha a renunciar ao lugar em Belém a favor do seu querido e idolatrado chefe António de Spínola.»

Ainda referindo-se a Eanes, agora acerca da sua actuação no debate pela TV e ao desafio para novo debate.

Otelo afirmou:

«Se não respondi a determinadas insinuações de Ramalho Eanes a quando do debate, acerca de influências em mim exercidas por determinadas forças políticas, foi porque na verdade o tempo de antena não permitia tal. A verdade é que recebi influências de que me orgulho profundamente: influências vindas do Povo e que transformaram, qualitativamente, a minha forma de sentir e de pensar. Um próximo debate entre os quatro candidatos, só poderá vir a ser um lavar de roupa suja. E não é isso que serve ou interessa verdadeiramente ao País. Envolvidos Ramalho Eanes e o almirante numa questão frontal, não vamos agora ficar, neste debate, eu e Octávio Pato, postos de lado, assistindo ao lavar dessa roupa. O general Eanes o que pretenderá, de facto, com esse desafio para novo debate? Eu penso que a ideia dele é voltar a monopolizar o tempo de antena, fiado numa questão de todo discutível, a de quem domina a situação. Não domina, ele está evidentemente num momento de fraqueza. O que poderá acontecer é o Povo sair novamente defraudado na sua expectativa. Essa arrogância de quem pensa que domina uma situação não ilude ninguém. O conceito de domínio e de autoridade de certa burguesia não é exactamente o das massas trabalhadoras.»

ELP apoia Eanes!

«Primeiro que tudo gostaria de expressar, caso me fosse possível votar, qual seria o meu voto. Pois votaria certamente no general Eanes. É um homem com invulgares qualidades e virtudes. É importante assegurar a sua vitória, pois caso contrário não haveria democracia.»

Isto são declarações de Alpoim Galvão ao «Dia». Note-se que as declarações são prestadas em território português, mais precisamente perto de Chaves, e que este foragido (fugido do país por implicação no 11 de Março) anunciou a publicação de um livro onde narra as suas aventuras, desde o ataque a Conakry até à acção, com Spínola, no MDLP.

Francamente só resta perguntar: se Marcelo cá estivesse, a quem daria o apoio? Eanes aceitaria?

EANES

O candidato de Portugal



Os mesmos mitos... De salvadores da pátria, acima das classes e representando a nação, ficámos nós todos fartos!



ALERTA!

Com este S.O.S. Chamo a vossa atenção Porque passados dois anos Voltamos à repressão

Basta pensar-mos um pouco E olhar-mos p'ras eleições Enquanto a esquerda desce Sobem Freitas e Galvões

Esses partidos burgueses Que falam em socialismo São muitas e muitas vezes Os que praticam o fascismo

A burguesia do PS Que se junta ao PPD Com o apoio do CDS Dá o resultado que se ve

Com a santa aliança De todos estes senhores Elege-se um presidente Chefe dos repressores

Entre o fascismo e a esquerda Trava-se um grande duelo Pelo fascismo o repressor Eanes Pela esquerda o camarada Otelo

Mas não fica por aqui Esta coisa é ridícula Se juntasse-mos isto tudo Dava uma grande película

E não pensem que brinco A situação está podre Enquanto uns passam fome Outros enchem bem o odre

OTELO

A campanha de OteLO para a Presidência da República, pelo impulso que veio dar à organização e à mobilização popular, pelo contributo que já deu para a unidade dos trabalhadores, prestou já um importante serviço à luta dos explorados deste país por uma sociedade mais justa.

Independentemente dos resultados que venha a obter, a candidatura de Unidade Popular serviu para demonstrar mais uma vez o vigor enorme do movimento popular, desmentindo inequivocamente todos os quantos o afirmavam moribundo.

Mas é indispensável criar as condições para que o movimento agora desencadeado não pare, antes se desenvolva cada vez mais. Há que criar GDUPs em todo o lado, consolidá-los pela discussão do programa da candidatura e pela luta comum em torno de objectivos concretos. É preciso articulá-los e generalizá-los. É preciso que a ampla frente de massas que se aglutinou em torno da candidatura de OteLO se organize em bases sólidas para que no dia 27 não se desfaça em fumo. Então tudo voltaria ao princípio e pouco se teria avançado.

O apoio e entusiasmo que de Norte a Sul as massas trabalhadoras têm demonstrado assustou a burguesia.

A burguesia já reconheceu quem é o seu inimigo.

Por isso Eanes, no seu fanfarronismo, deixa cair a confissão de que «se houver segunda volta, decerto que será com o maior OteLO».



UNIDADE POPULAR PARA O SOCIALISMO



No Barreiro, onde o PC foi, nas últimas eleições, o partido mais votado, o campo de futebol do Luso foi pequeno para conter quantos quiseram saudar OteLO. De nada valeram as frases hostis, espalhadas pelas paredes da terra.



O Porto desceu à rua, para manifestar o seu apoio a OteLO. Norte-Sul, a mesma luta.



Setúbal... o povo não coíbe na Praça do Bocage



Em Lisboa, no Parque Eduardo VII, festa popular. Depois, milhares de pessoas esperaram até de madrugada para vitoriar o homem que querem colocar na Presidência.



VOTA OTELO

VIOLENCIA NA CAMPANHA

Quem a promove?

A violência já teve lugar nestas eleições presidenciais. Teve por alvo, muito naturalmente, as duas candidaturas que têm um significado de classe bem claro: o candidato da burguesia: Ramalho Eanes; e o candidato do povo: Otelo.

Não é por acaso que estes dois — e não os outros dois — são os atingidos. É que eles simbolizam e representam os dois projectos políticos antagonicos — capitalismo e socialismo — e têm, cada um, o apoio das camadas sociais capazes de lhes darem corpo.

Lamego, Viseu, Évora, Madeira, Açores foram já uma lista significativa.

Tal como o 25 de Abril e o 25 de Novembro, sendo ambos violentos, tiveram significados diferentes, opostos até, o mesmo se passou aqui.

Importa analisar: quem desencadeou a violência?

Quem goza do apoio das autoridades oficiais?

Quem matou e quem morreu?

Em Lamego a caravana de Otelo foi atacada à pedrada e a tiro, o carro de Otelo é atingido, ficando com as marcas de uma bala. Foi a coragem física dos populares que ali estavam para saudar o seu candidato que evitou o pior. Não havia qualquer dispositivo de segurança montado pelas autoridades. Não consta que tenha sido levantado qualquer inquérito.

Em Viseu avisada de que elementos de direita se preparavam para causar distúrbios, a caravana de Otelo cancelou a visita àquela cidade. Os ditos elementos, vendo frustrados os seus propósitos, agrediram os simpatizantes de Otelo e destruíram propaganda. Não havia dispositivo de segurança montado nem foi levantado inquérito.

Évora — Populares acorrem à passagem de Eanes gritando slogans hostis ao candidato da direita. Há correrias e tiros — 1 morto e sete feridos, todos eles populares. Nenhum pertença à caravana de Eanes o morto era operário da construção civil e estava em cima de um muro. Não apoiava Eanes. Testemunhas oculares afirmam que os tiros foram disparados de um Mercedes preto que fazia parte da caravana de Eanes.

Havia fortíssimo dispositivo de segurança montado pela GNR. Foi levantado um inquérito. Curiosamente, vem sendo

apresentado, pela imprensa como tendo por objectivo apurar, não os autores do assassinato e dos ferimentos, mas sim os «perturbadores da passeata do senhor candidato».

Madeira — O governador da ilha, brig. Azeredo, proíbe um comício de Otelo no Maxico, sob pretexto de não ter sido avisado com antecedência. Leia-se noutro local a intervenção deste senhor na TV quando da mesa redonda com os quatro candidatos.

Claro que todos os candidatos têm feito de improviso centenas de comícios nos locais por onde passam, sem qualquer aviso prévio.

A P.E. foi enviada para interromper o comício. Otelo pernitoou no Maxico, sob a vigilância do povo.

Açores — Otelo foi impedido de sair do aeroporto por iniciativa da FLA, organização reaccionária e fantoche dos americanos que goza da conivência das autoridades militares portuguesas.

Não foi garantida a segurança à comitiva pelo que, apesar de estar dentro de uma base militar, foi atacada por indivíduos afectos à FLA, tendo alguns elementos sido agredidos.

Num dos mastros da unidade fluava a bandeira da FLA!

Não se sabe se haverá algum inquérito.

O comandante militar das ilhas, brig. Altino de Magalhães, tem expressado publicamente o seu apoio a Eanes...

De tudo isto, algumas conclusões muito sumárias: violência — sempre do lado dos simpatizantes de Eanes. Autoridade, sempre com Eanes. Onda de violência e terrorismo que as autoridades não tentam sequer conter e que visa intimidar os que se opõem ao candidato golpista de 25 de Novembro.

Para um candidato que, detentor da força (chefe do Estado-Maior do Exército) se apresenta como defensor da ordem e da segurança, concordemos que estes exemplos mostram já que ordem será defendida, e quem estará em segurança.

No único caso em que foram contestados, os partidários de Eanes feriram sete e assassinaram um...

Parafrazeando o slogan: Eanes promete à burguesia... os seus guarda-costas cumprem!

TRÁS-OS-MONTES

A segurança que Eanes promete...

A deslocação de Otelo à região de Trás-os-Montes começou em Chaves. Recebido entusiasticamente pelo GDUP local, o major Otelo dirigiu-se à praça central da vila onde o aguardavam mais de um milhar de pessoas. Começaram ali as primeiras provocações ao candidato de unidade popular. Elementos reaccionários ostentando o autocollante Eanes, mostraram o que era viver a «liberdade em segurança» apregoadas por aquele candidato. Falhada a tentativa de boicotar o comício de Otelo, o qual durante cerca de 15 m. exortou com firmeza o povo à unidade e a combater corajosamente o fascismo, os elementos reaccionários, em escasso número e revelando histeria, procuraram atacar a comitiva quando esta saía da vila.

Não o conseguiram dada a firmeza com que os progressistas locais defenderam a saída dos carros. Grande número de pessoas presentes no comício, criticavam severamente o comportamento dos provocadores reaccionários.

Após uma digressão pelo distrito de Bragança, com paragem em Vila Flor, onde Otelo contactou com a população, a viagem prosseguiu até Vila Real. Ali teve lugar, à noite, um grande

comício no Pavilhão Gimnodesportivo. Perante os 2000 pessoas presentes — o candidato da Unidade Popular relembrou os incidentes de Chaves, enquadrando-os na ameaça fascista e na luta do povo contra o fascismo e por uma sociedade mais justa, a sociedade socialista.

Depois de uma noite dormida numa aldeia próxima de Vila Real, Otelo colocou ramos de cravos vermelhos nos túmulos do padre Maximino e de Maria de Lourdes, assassinados recentemente pelos fascistas.

A chegada a Amarante, muito povo aguardava com enorme alegria e entusiasmo Otelo. Percorridas algumas ruas da cidade em cima de um jeep de uma oficina de reparação de automóveis, Otelo dirigiu-se à população. Muito aplaudido e aclamado, falou das lutas dos pequenos agricultores contra os grandes senhores das terras e os grandes intermediários e da luta de todo o povo trabalhador daquela região contra a grande burguesia.

Convidado pelos delegados sindicais a visitar a Taboan — a maior fábrica da zona — Otelo ali se dirigiu e falou aos operários, que haviam largado o trabalho e se tinham concentrado para o ouvir, aclamar e abraçar.

A entrada de Lamego, Otelo foi avisado que elementos reaccionários se haviam concentrado na cidade e se preparavam para exercer provocações. Na praça central, o carro de Otelo foi rodeado por muitos democratas que lhe declararam estar o povo com ele e o incitaram a prosseguir a luta. Do outro lado, elementos afectos a Eanes, identificados com autocollantes e cartazes, realizavam uma contra-manifestação, da qual passaram rapidamente a agressões e insultos quer aos democratas locais quer à comitiva de Otelo. O carro onde era suposto este deslocar-se foi atingido, já quando lentamente abandonava a praça central, à pedrada e a tiro. Tratava-se manifestamente da execução de um plano que visava aniquilar fisicamente o candidato do povo. Mais uma vez, desta com maior gravidade, o povo ficou esclarecido sobre o que os apoiantes de Eanes entendem por «viver a liberdade em segurança».

Mas a viagem de Otelo nesse dia, iria terminar da melhor maneira. Cerca das 22 horas, o candidato de unidade popular entrou no Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro. Os milhares de pessoas que o enchem por completo, operários, cam-

poneses, empregados, estudantes, aclamaram com enorme entusiasmo Otelo e escutaram atenta e vibrantemente o importante discurso que este aí fez. Otelo afirmou com vigor que apesar de todas as poderosas forças que se lhe opunham, a sua vitória seria possível, pois a força e determinação do povo que o apoiava era suficiente para tudo levar de vencida. Disse também que, ganhasse ou não, o importante era isto: que a luta continue, luta dura, longa e difícil, mas em que a vitória seria certa.

Entre os vários oradores que falaram neste comício, cabe destacar um camarada muito conhecido e prestigiado nas zonas pelo seu passado e presente de lutador antifascista que, após 30 anos de militância no PCP, havia abandonado aquele partido revoltado pela atitude injuriosa e divisionista que a sua direcção tem exercido sobre a candidatura de Otelo.

Após o comício, Otelo dirigiu-se a uma aldeia próxima de S. João da Madeira — Macieira de Sores — onde toda a população o aguardava na rua apesar de ser já 1.00 h. da manhã. Aí pernitoou em casa de um trabalhador, depois de ter convivido com a população.

Digressão ao Sul — novo triunfo!

A campanha da candidatura de Otelo prosseguiu no sábado com um enorme comício no Barreiro, depois da manifestação pelas ruas da vila que contou com milhares de pessoas, organizada pelos GDUPS locais.

Com o campo de jogos do Luso repleto, e depois das intervenções de um operário da CUF, um ex-militar do COPCON, e dois outros militantes populares, foi a vez de Otelo mais uma vez referir o significado da sua candidatura à presidência, o passado de constante e magnífica luta anti-fascista do povo do Barreiro, não deixando passar em claro as manobras de aqueles que, tendo pintado frases caluniosas em algumas paredes da vila («Otelo vai para Viseu», «ninguém cá te chamou», «vai dividir a direita que a esquerda está unida»), agindo e parecendo certamente bandos de direita e de extrema-direita, dividem assim as massas populares e caluniam um programa que não visa senão essa mesma unidade popular.

Foi lida também uma mensagem de soldados que apoiam a candidatura de Otelo à Presidência.

No domingo, foi a vez de Otelo se deslocar novamente ao Baixo Alentejo, deslocação essa que ficou tristemente assinalada pelo acidente que envolveu um carro da comitiva de apoio e em que ficaram gravemente feridas duas camaradas dos serviços de apoio à candidatura. Este acidente

motivou a não realização das visitas de Otelo a Serpa, Moura e Beja.

Ao fim da tarde, novo comício se realizou em Beja, mais numeroso e entusiástico ainda que o primeiro, apesar mais uma vez dos entraves reformistas, assunto a que Otelo se não furtou tendo respondido, dialogado e esclarecido por completo quais os reais e verdadeiros propósitos da sua candidatura, cujo principal fundamento (e os trabalhadores bem o sentem) é a própria criação e desenvolvimento da unidade do povo trabalhador, que se une e fortalece exigindo o 25 de Abril na Presidência.

A noite, em Faro, outro enorme comício, onde milhares de pessoas enchem o largo das Mouras Velhas; Otelo apontou soluções para os principais problemas dos trabalhadores e do po-



Na estrada, dezenas de vezes o povo exigiu a paragem da caravana.

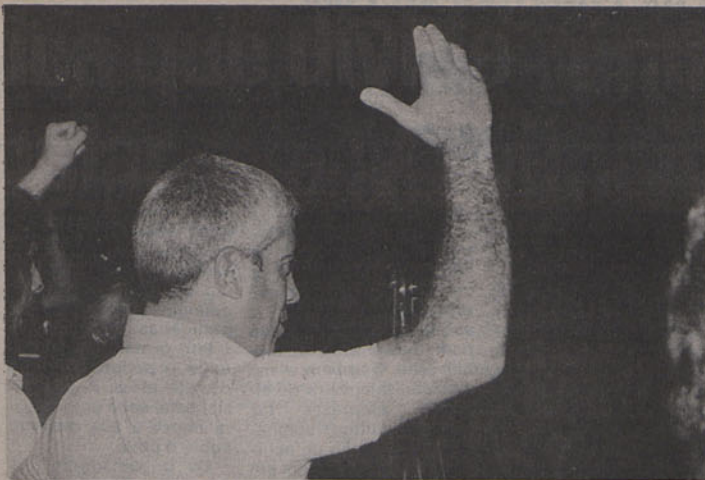
vo algarvio (pescas, conservas, indústria hoteleira) e mais uma vez exortou os trabalhadores à luta unida contra a recuperação capitalista pós-25 de Novembro, e alertou para os perigos do regresso ao fascismo. Já em Beja Otelo havia referido a luta pela independência nacional a propósito da Base Aérea de Beja, por cuja desocupa-

ção pelos estrangeiros disse que os trabalhadores deveriam continuar a lutar.

Na noite de segunda-feira, em Setúbal, a praça do Bocage foi pequena para conter o entusiasmo e apoio popular. Milhares e milhares de trabalhadores demonstraram mais uma vez que Otelo é o seu candidato, o Presidente do Povo.



Em Albernoa, Otelo confraternizou com os trabalhadores rurais.



Amigos, é sempre necessário e é importante aceitarmos todos os desafios muito embora nem tudo venha a correr como nós desejariamos apesar do desafio aceite. Isto porque, os adversários em presença deixam de ser adversários para serem ferozes inimigos.

Eu tinha que me deslocar à Madeira e aos Açores. Há gente progressista na Madeira e nos Açores muito mais do que aquela que nós possamos pensar. Há povo trabalhador explorado já há centenas de anos que necessita uma palavra de estímulo, uma palavra de confiança; necessita de uma mensagem de unidade, de organização e de mobilização para a luta.

MADEIRA —ENTUSIASMO POPULAR E BOICOTE OFICIAL

Depois de uma chegada muito amiga, muito calorosa, uma recepção muito fraterna por parte de grande número de populares que se tinha deslocado durante os 22 quilómetros que vão do Funchal ao Aeroporto, eu tomei lugar numa camionete e lá fomos de abalada no meio de palavras de ordem gritadas com grande entusiasmo, com grande vibração até ao Funchal. À chegada ao estrado de onde me dirigi ao povo trabalhador eu fiquei absolutamente espantado com o número, a quantidade das pessoas e sobretudo dom o entusiasmo, a esperança, a vibração extraordinária que havia em todos aqueles amigos. Posso mesmo dizer que em termos de quantidade foi absolutamente equiparável a sessão que eu ontem fiz no Funchal com os outros dois maiores comícios que houve na Madeira.

Exactamente após a minha saída do avião dirigiu-se-me um oficial que desempenhava funções no Quartel General da Madeira, que me trazia uma notificação para eu assinar, a qual eu não assinei. Recusei assinar essa notificação que era dirigida ao meu mandatário no Funchal a qual, evocando o artido tal do parágrafo não sei quantos da Lei eleitoral dizia que, não tendo sido notificada a Câmara Municipal do Machico de que eu iria

lá fazer um comício, o mesmo não poderia realizar-se sob pena de ser considerado ilegal pelo que as autoridades tudo fariam para impedir a sua realização. O comício no Funchal, esse sim, podia realizar-se porque teriam sido preenchidos os trâmites legais. Mas a vibração era grande e lá fomos de abalada até ao Machico, fazer outra vez os 22 quilómetros.

Durante o caminho, as moças madeirenses cantaram dezenas de canções de espírito revolucionário, canções existentes até antes do 25 de Abril, o que me parece, neste momento extraordinário. Canções lindas, canções com uma letra magnífica. Eu neste momento recordo um pedaço de uma letra, que dizia assim:

Festa, festa do povo,
o povo é quem trabalha
e faz o mundo novo
A viagem foi extraordinária, uma maravilhosa jornada de fraternidade, de compreensão, de muita amizade.

Cheguei ao Machico e estava lá uma multidão quase igual a esta. Mas era ilegal fazer o comício. Eu subi para cima de uma estátua e disse à multidão: eu não posso falar em comícios. Portanto, não vamos fazer o comício porque é ilegal. No entanto, o povo é quem mais ordena e se o povo quer fazer um comício, faz um comício, mas como eu não posso fazer um comício eu só vou falar para vocês. E estive ali um quarto de hora a falar com aqueles amigos no meio de um entusiasmo muitíssimo grande até que tive notícia de que se aproximavam viaturas militares para impedir a realização do dito comício que não estava a ser realizado. Ai, eu interrompi para evitar qualquer situação desagradável. Mas eu vi, e vi com uma apreensão muito grande, o terror que em determinado momento começou a existir naqueles que me acompanhavam. Dizia-se que a Polícia Militar me ia prender. Parece que já havia recontos entre a Polícia Militar e aqueles que tinham estado naquela aglomeração. Jantamos tranquilamente, cantamos mais um bocado e lá fomos dormir, tudo isto clandestinamente. Não podíamos acender as luzes. Lá fomos dormir a um «sitio».

O que mais me alarmou

foi, realmente o clima de medo e de clandestinidade que em determinado momento, quando se teve notícia da vinda das Forças Armadas aquela gente passou a viver. Isto para mim foi grave e dá-me um alarme muito grave de que em terra Portuguesa se está a dar, a passos gigantes, um avanço para o fascismo. Realmente, aquilo que aconteceu em Chaves, em Lamego, que aconteceu em Viseu mesmo sem a minha presença, que aconteceu agora na Madeira muito recentemente e que veio a acontecer nos Açores conforme eu já vos vou dizer são para mim sintomas alarmantes de um regresso, em passo acelerado, ao fascismo.

NOS AÇORES AUTORIDADES CONIVENTES COM A F.L.A.

Tomamos lugar no avião para os Açores e aterramos nas Lages onde, como sabem, há uma base americana na qual trabalham 2.000 açorianos. Logo que chegamos, elementos progressistas locais vieram ter conosco aterrorizados a dizer que realmente tinham providenciado no sentido de eu já não me deslocar aos Açores porque havia uma ameaça muito grande da FLA no sentido de evitar que eu fizesse comícios nos Açores. A FLA tinha lançado, ontem, um comunicado, daqueles comunicados de extrema direita que vocês já conhecem. Eu acabei por dar uma conferência de imprensa muito rápida a três jornalistas, um dos quais era de um reacionarismo à prova de bala. Na conferência de imprensa respondi pacientemente a todas as perguntas que ele me quis fazer, e, depois disto, voltei a ter indicação de que não poderia sair do aeroporto. Fui ainda aconselhado a abandonar o aeroporto pelo comandante da Polícia militar local que veio dizer-me que iam fazer manifestações. Face a isto, perguntei-lhe: o que é isto da FLA? A FLA não é uma coisa clandestina?

Bem, entre outras coisas, eu vim a saber que o comandante responsável pela segurança tinha estado ontem a jantar com um dos dirigentes da FLA e que esse dirigente tinha dito que, realmente, hoje eu não dis-

AÇORES E MADEIRA

Activistas e separatistas actuam com a conivência das autoridades

Intervenção de Otelô à chegada a Lisboa

cursava de certeza nos Açores e que me iriam escorraçar do Arquipélago. Portanto, era extremamente grave, eram 20 quilómetros até à cidade, não havia qualquer possibilidade de segurança, etc., etc., etc.

O que acontece é que os grandes senhores, os grandes senhores das terras que há centenas de anos exploram o povo trabalhador açoriano e que antes do 25 de Abril falavam em centralismo administrativo, centralismo administrativo a partir de Lisboa, porque lhes convinha, são agora os primeiros a falar em termos de independência nacional.

BANDEIRA DA F.L.A. HASTEADA NO QUARTEL

Estávamos em pleno almoço no bar do Aeroporto quando um oficial da Força Aérea, muito indignado, veio ter comigo e me diz: **Otelô, se quiser alguém daqui tirar uma fotografia, peço que a vá tirar imediatamente porque, à porta de armas da base aérea está hasteada no mastro uma bandeira da FLA.**

Reparem que é à porta de um quartel português, à porta de uma Unidade!

Imediatamente, o repórter que me acompanhava, agarrou na sua máquina e dirigiu-se para o local. Passados instantes voltou, extremamente pálido, emocionado e disse-me: «acabei de levar um enxugo, fiquei sem a máquina, deram-me pontapes, arrancaram-me cabelos, iam-me matando».

O que é que acontecera? Cerca de 300 energúmenos, 300... eu ia chamá-los homens mas ficamos energúmenos, já tinham entrado praticamente dentro da base e quando o repórter se preparava para tirar a fotografia à bandeira da FLA hasteada foi, perante a passividade total da polícia que ali se encontrava, assaltado, atirado ao chão. Deram-lhes pontapes, tiraram-lhe a máquina, etc. Tendo sido depois acompanhado por um cabo da polícia aérea até junto de nós.

Entretanto, avolumava-se a notícia de que os tais 300 se preparavam para entrar na Base Aérea e assaltar o avião. Acabamos de almoçar, o avião estava preparado para partir às 20 horas, eram 20 para às 2, pelo

que resolvi ir para o avião para não haver mais problemas.

Quando estava a dirigir-me ao avião — aquilo parecia tudo combinado — irromperam pela Base dentro, portanto, dentro de uma Unidade Militar, os tais 300 que vinham numa corrida desenfreada ao nosso encontro. Um major paraquedista que ali se encontrava e uns homens da Polícia Aérea apenas disseram: «Parém aí, não façam isso, párem aí!» contra a fúria de que vinham possuídos todos aqueles energúmenos, oferecendo uma resistência bastante débil.

É claro que, se fossem trabalhadores seriam lançadas granadas lacrimogéneas, atirados tiros para o ar, etc. Mas como não eram, foi tudo em termos de entendimento. Bandeiras da FLA, bandeiras da FLA na mão. Claro que não houve prisões de forma alguma. Até tivemos indicação de que o Major paraquedista, que ali estava tranquilamente e com o qual eu falei, disse que: «realmente... era muito difícil... etc. e tal... aguentar aquilo». Por seu lado disseram que realmente ele é filiado no PPD, pertencente à FLA.

Calmadamente, acabamos por entrar no avião. A tripulação, os dois homens da tripulação, o piloto e o copiloto acabaram por ser também agradecidos no aeroporto. Estavam extremamente excitados, extremamente nervosos, e tinham pedido para nós entrarmos.

Nós entramos, motores em marcha e arrancamos perante os gritos daqueles que ficavam em terra.

Tudo isto, amigos é para denunciar. Denunciar primeiro, o regresso a passos largos do fascismo e, portanto, uma vez mais o meu apelo de unidade, da consciencialização daquilo que estamos a sofrer, de organização e de mobilização para a luta que é extremamente difícil; em segundo lugar, lançar o alerta, a denúncia de que, quer o Governo da Madeira, quer o Governo dos Açores são absolutamente colaboradores com esse regresso ao fascismo.

Dependendo esses Governos do Governo Central, do Ministério da Administração Interna, isto será denunciado totalmente nos jornais, possivelmente também em conferência de im-

prensa e eu ficarei à espera de ver qual é a atitude que vai ser tomada pelo Governo Central.

Neste momento eu receio pela sorte dos meus camaradas, camaradas que exerciam funções de segurança, quatro rapazes completamente desarmados, que nem sequer tinham um corta unhas e que ficaram à mercê daqueles mandões. A passividade com que as chamadas forças da ordem intervieram ou não intervieram foi tal que eu francamente receio por eles e estou ansioso por telefonar para os Açores para procurar saber o que realmente se passou depois da largada do avião.

Amigos, não é ocasião para fazer qualquer alocação de carácter pedagógico. Eu apenas vos quis relatar, no quente, sobre os acontecimentos, aquilo que aconteceu em território português, onde deveria só existir exclusivamente a bandeira nacional e onde, neste momento existem já bandeiras, franca e descaradamente, ao vento, desfraldadas, bandeiras que reivindicam para a Madeira e para os Açores, contra a vontade do povo trabalhador, reivindicam a independência. Essa reivindicação é feita, como é evidente, por representantes acérrimos da classe exploradora que há centenas de anos explora até ao tutano aquele pobre povo trabalhador.

POLÍCIA AÉREA SOLIDÁRIA COM OTELÔ

Amigos, atenção nem tudo está perdido no reino da Dinamarca. **Nem tudo está tão mau como parece.** Estão aqui a informar-me que, depois da nossa saída, os elementos da Polícia Aérea em serviço na Base Aérea das Lages, reuniram-se em plenário e decidiram entregar as boas azeitadas e pedir a passagem ao contingente geral, solidarizando-se comigo.

Amigos, isto é sinal de que o espírito redentor do 25 de Abril começa a resurgir. Quando, numa situação como aquela em que vivemos se faz um plenário de praças da Base Aérea e é tomada esta atitude, se isto for realmente verdade e eu anseio que sim, é um sinal de que algo está de novo em transformação no nosso País.

Amigos, parece que os cravos vermelhos de Abril estão de novo a florir.

J J GONÇALVES

Pela intervenção estatal!

Contra o desemprego!

MAIS UMA VEZ, fomos alertados, para a grave CRISE que esta empresa atravessa. Crise que já se arrasta há alguns anos, sem que nada se tenha feito para a resolver. E quando pedimos que nos expliquem quais as causas que deram origem e essa crise, respondem-nos as chefias que se deve à diminuição do volume de vendas; grande dívida aos bancos; esgotamento de stocks, etc. Mas escondem o essencial: o porquê dessas causas. Mas nós sabemos quais são. Sabemos que a dependência do nosso país em relação ao capitalismo internacional é grande e tem crescido com a política do VI Governo e sabem que a crise desse mesmo capitalismo internacional se faz sentir com mais força em sectores onde a dependência é maior como a indústria e comércio de transportes.

Sabemos que a administração capitalista e as direcções e chefias que lhe fazem o jogo apenas souberam garantir o lucro fácil à custa da própria segurança da empresa no tempo das facilidades e hoje sabem aquilo que qualquer capitalista faz quando o barco mete água: culpar os trabalhadores, precipitar a empresa para a ruína e preparar uma saída airosa que permita novos negócios lucrativos!

Nós perguntamos:
Foram os trabalhadores que cancelaram encomendas??

Foram os trabalhadores que defenderam a política de vendas?? Se é que ela existe!!!

Foram os trabalhadores que aprovaram os negócios ruinsos???

São os trabalhadores que devem centenas de contos à empresa???

São os trabalhadores que ganham ordenados da ordem das dezenas de contos???

Foram os trabalhadores que montaram a estrutura ruína desta empresa???

São os trabalhadores que fazem parte da comissão consultiva???

Foram afinal os trabalhadores que dirigiram esta empresa???

NÃO FORAM!!! FORAM ELES!!!

Foram os administradores capitalistas e todos os seus lacaios, com a sua incompetência, com a sua política das capelinhas, com a sua estreita visão das realidades, que nunca passou além do lucro fácil, que conduziram a empresa à ruína.

E que soluções podem
10 Poder Popular

eles agora apontar para a crise que ameaça a própria vida da empresa? **Nenhuma?**

Ou melhor, soluções que não resolverão o único dos nossos problemas. Dai que nos apresentem soluções técnicas, que só podem conduzir a despedimentos e baixas de salários. Por isso nos tentam agora convencer de que a única hipótese de resolução é dividir J. J. Gonçalves em pequenas empresas. Ou seja, dividirem-nos. E usam todos os argumentos para nos convencerem e tentarem enganar. Querem-nos convencer que conseguem transformar uma empresa que eles dizem falida em pequenas e prósperas empresas. E ainda, para cúmulo, com os mesmos «técnicos». Para nós, essa divisão é o caminho mais curto para pôr em prática as outras soluções — o despedimento, a baixa de salários ou a falência.

Cuidado pois camaradas. O que alguns pretendem é dividir-nos, para depois poderem reinar. Porque os interesses que eles defendem, e nós sabemos quais são, nunca foram, nem nunca serão, de certeza, os nossos.

Para nós, neste país e neste momento, só há uma solução que garanta minimamente, a defesa dos nossos interesses. É a intervenção estatal. Será ao governo que teremos de exigir, que intervenha nesta empresa, para nos garantir, para já os postos de trabalho e os salários e, futuramente, tomar, com o nosso acordo, as medidas necessárias para resolver esta crise, mas a nosso favor e não dos capitalistas, isto é, sem despedimentos, sem baixas de salários, sem desqualificação profissional.

Mas cuidado, porque não vai ser fácil convencer o governo a intervir. Vamos ter que lutar para o conseguir. A luta vai ser dura. Mas a força ainda está do nosso lado. Teremos que nos unir Unir para resistir. Não podemos pensar que a «comissão de Luta» vai fazer tudo, pois ela, sozinha, nada poderá fazer. Porque a luta é de todos nós. E vai ser dura. Teremos que nos organizar e participar com todas as nossas forças. Temos que lutar para vencer.

Não ao desemprego!
Exigamos a intervenção estatal!
Unidos e organizados, venceremos!

A cétula do MES na J. J. Gonçalves.

ELECTRICISTAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

A razão, sem unidade, pode não chegar para vencer...

Os electricistas da construção civil estão em greve desde o dia 17 para obrigarem as entidades patronais a sentarem-se de novo à mesa das negociações.

Tem sido bastante grande a adesão mas, no entanto, nem tudo são rosas neste sector. A direcção do sindicato é fortemente contestada por muitos trabalhadores que a acusam de não dar apoio à luta, de dar telefonicamente informações falsas e desmobilizados.

Na conferência de Imprensa que teve lugar na terça-feira de manhã foram patentes estes problemas.

«A direcção apoiou a

greve, embora alertando para a necessidade de criar condições que evitem confrontações» — afirmou um elemento do sindicato.

«Preferíamos um contrato vertical em vez do que está em discussão, que é horizontal. Mas apesar disso temos dado todo o apoio à luta. A direcção apoia todas as formas de luta que forem decididas democraticamente.»

Faço a contestação de elementos presentes na sala, um elemento da direcção viria, porém, a ameaçar que o sindicato deixaria de dar apoio especial à luta «passando a fazer os comunicados apenas durante o horário

de expediente».

Foram ainda focados por outro elemento da direcção do sindicato, os perigos que esta greve tem pois — afirmou — sobretudo nas empresas pequenas é difícil a mobilização. Também a má situação financeira de algumas empresas faz com que muitos trabalhadores que estão de acordo com a luta hesitem em entrar em greve.

Foi informado ainda que, os 5000 electricistas da construção civil da zona de Lisboa, cerca de -500 paralisavam na passada sexta-feira, e que na segunda-feira as adesões elevavam-se a mais de 3200.

Uma coisa é certa: a

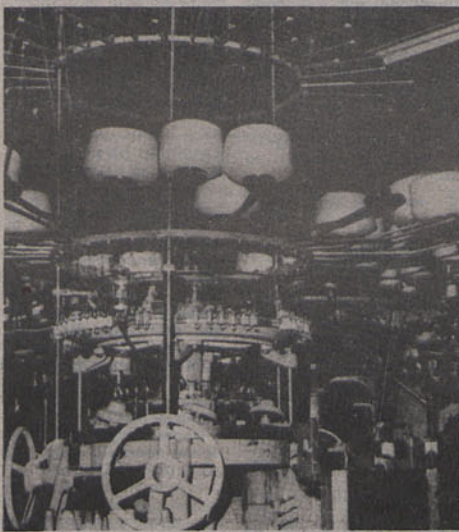
luta prossegue com força apesar dos trabalhadores não terem conseguido unir-se, por cima das divergências de opinião e das divisões partidárias.

Isto é mau, pois o inimigo é poderoso e não comete erros. A burguesia, esta, sabe unir-se para impor a sua ditadura sobre o povo.

Os trabalhadores, depois de discutirem os seus problemas e decidirem as medidas a tomar, devem unir-se como uma rocha para as levar à prática.

Quem o não faça está a dar força à burguesia.

Depressa de aprender temos de aprender pouco!



Quem paga a crise nos têxteis. Os patrões ou os trabalhadores?

COELIMA

Não aos privilégios!

A Coelima, em Pevim-Guimarães, é uma das fábricas mais importantes do país do sector têxtil. Situa-se no coração das forças reaccionárias que, no norte, fizeram um cerco e apertaram uma cintura de ferro em torno das forças progressistas e dos trabalhadores. Na Coelima como em milhares de outras fábricas da região, os trabalhadores têm fraquejado nas suas lutas, na sua organização, e nas suas conquistas.

Entalados no meio do fogo cruzado das campanhas de calúnias e demagogia fascista dos caciques e do clero reaccionário, dos atentados bombistas e da sanha violenta dos lacaios dos patrões, os trabalhadores em certas regiões do norte têm demonstrado dificuldades nas suas lutas; na Coronado, na TMG, e em muitas empresas do sector, os patrões dividem os trabalhadores, aliciando os de carácter mais fraco e cumprindo hora a hora o seu plano de recuperação capitalista. Despedindo, cortando as liberdades dentro da fábrica (cá fora estão outros encargos disso), unindo as forças para que não haja reivindicações, para que volte a reinar em absoluto a ordem e a exploração de antigamente.

É nesta situação que os trabalhadores da Coelima desencadearam um processo de luta, que, vitoriosos, abre novos âmbitos aos trabalhadores de toda a região; o patrão pretendia como tantos outros fizeram, lançar a divisão entre trabalhadores, dando prioridade aos escritórios — e especialmente a alguns — e negando-os ao sector da produção; criar e aprofundar o fosso entre os operários, necessariamente mais combativos e de facto quem produz a verdadeira riqueza, e os serviços, para mais tarde melhor explorar e oprimir uns e outros, elevando à categoria de seus lacaios os que a isso estivessem dispostos. Enganou-se.

Porque, no momento que se vive os trabalhadores têm vindo a ganhar mais confiança nos seus direitos e nas suas conquistas. E o caminho que se trilha é o caminho da união do povo e dos trabalhadores contra o avanço dos fascistas. Não é por acaso que esta luta coincidiu com a campanha eleitoral para a presidência da República e que Otelo nas suas visitas ao norte tenta provar que também no norte os trabalhadores estão a recuperar a força.

O grito saiu dos operários da Coelima: «Abaixo os privilégios, viva o Poder Popular».

ITÁLIA - significado das eleições

A Itália atravessa uma crise económica, social e política quase sem precedentes. A partir do Outono de 1968, praticamente sem interrupção, a classe operária e o Movimento Popular desencadearam uma ofensiva ao regime burguês da Democracia-Cristã. O Partido da Democracia-Cristã revelava-se incapaz de governar a Itália. Progressivamente o PCI e a esquerda vêm aumentando a sua influência e, até, a sua expressão eleitoral. Em 1972, o PCI recebeu um quarto dos votos dos eleitores. Nas eleições regionais deste ano aumentou, e hoje acaba de receber um terço dos votos do eleitorado.

Perante a proposta e exigência do «compromisso

histórico» a Democracia-Cristã retomou o tom de uma histórica campanha anticomunista.

O Papa Paulo VI, Ford, Kissinger, a Nato, etc, etc, trataram de pôr os pontos nos iis às veleidades do PCI.

A Democracia-Cristã não foi abaixo nas urnas, continua a ser o Partido mais votado, chamando a si em desespero de causa votos até então dispersos pelos neofascistas do MSI e de outros partidos de direita. O PCI subiu, não tanto como se esperava, chamando a si em pujança de causa votos até então dispersos pelos socialistas e outros partidos de esquerda. Foi uma campanha eleitoral do-

minada pelo «voto útil», tanto à esquerda como à direita. Os socialistas perderam, os liberais perderam, os neofascistas perderam, os sociais-democratas perderam, os republicanos perderam.

A Democracia Proletária, que agrupa a esquerda revolucionária obteve meio milhão de votos, o que revela, pelo menos, o efeito do voto útil. Cá, como lá.

Que significado têm estas eleições?

Nos quadros da democracia burguesa mantém-se o impasse. Embora tenha conseguido importante reforço, é duvidoso que seja desta vez que o PCI leva por diante a sua táctica, persistentemente desenvolvida, de compro-

misso histórico o que, aliás, mais não significaria do que entrar para um governo de coligação com os anticomunistas da Democracia-Cristã.

A estratégia dos PC's europeus de privilégio do campo eleitoral e dos mecanismos da democracia burguesa — à custa de quantos conciliações e compromissos! — parece assim ter criado mais uma desilusão. Nem os esperados frutos podres de um Governo com a DC!

Resta às massas trabalhadoras tirar as devidas conclusões. Só elas, pela sua luta, podem resolver a crise em seu favor, forjando a alternativa radical a um sistema capitalista dia a dia mais podre.



Berlinguer, do PCI



e Fanfani, da DC

	VOTOS	PERCENTAGEM
Democracia Cristã	14 211 055	38,7
Comunistas	12 620 509	34,4
Socialistas	3 541 383	9,6
MSI (neofascistas)	2 243 849	6,1
Sociais-democratas	1 231 483	3,4
Liberais	478 157	1,3
Republicanos	1 134 648	3,1
P. Radical	394 623	1,1
Democracia Proletária	555 980	1,5
Sudtiroler Volkspartei	184 286	0,5

LÍBANO — Imperialismo contra a autonomia dos povos

A Guerra Civil no Líbano que se arrasta há mais de um ano surgiu como mais um episódio do conflito israelo-árabe, visando desviar as atenções internacionais da agressão sionista e imperialista contra o povo palestino.

Os sucessivos «raids» israelitas no Sul do Líbano, levaram o exército a preferir abandonar a região às forças palestinas e de esquerda nacional, o que permitiu a intensificação das operações sionistas.

Perante esta atitude do Governo, a reacção popular foi-se intensificando e o domínio político dos dirigentes da comunidade cristã (no Governo) é cada vez mais contestado.

Face aos ataques israelitas por um lado, e por outro as medidas impopulares da burguesia tendentes a acumular riqueza enquanto é tempo, tornaram a situação de tal modo explosiva que o massacre de 13 de Abril de 23 palestinos foi simplesmente a faísca que ateou a guerra civil.

A partir desse momento a agressão sionista foi sendo reduzida, pois era-lhes bastante agradável saber as forças palestinas envolvidas num conflito interno.

A MEDIAÇÃO SIRIA

Apesar de se manter explosiva a situação, por força da intervenção síria, no princípio deste ano, que pretendia pressionar as forças da esquerda libanesa a aceitarem um acordo de cessar-fogo, e a existência de um governo confessional, com a esquerda em minoria, a tentativa de golpe de Estado do general Ahdad em 11 de Março, teve como consequência o reinício dos combates a uma escala mais ampla, e a total desagregação do exército, e uma evolução da posição síria mais favo-

rável à direita libanesa.

De facto a Síria que começou por acusar Ahdad de agravar a situação veio de seguida responsabilizar com crescente violência as forças da esquerda libanesa, o que tacitamente implicou um apoio ao presidente Frangié, que era cada vez mais impopular em ambas as facções.

Em termos práticos a mediação síria veio simplesmente a traduzir-se no controlo de algumas posições militares, introduzindo tropas suas nas regiões sob o domínio de Saïqa (movimento de Libertação Palestino de obediência síria), ou alguns comandos da O. L. P. sob sua direcção.

De facto de vista das forças progressistas desde 1970 a 1974, e durante os primeiros meses da Guerra Civil, a Síria assumiu um papel de mediação entre as forças progressistas e regionais face aos acordos do Sinai entre Israel e o Egipto e a crescente influência das forças de direita à escala regional, não tinha outra alternativa não restabelecer a unidade do Líbano, único país onde os palestinos escapavam a qualquer controlo ideológi-

A INVASÃO SIRIA

Depois de ter apoiado as forças progressistas desde 1970 a 1974, e durante os primeiros meses da Guerra Civil, a Síria assumiu um papel de mediação entre as forças progressistas e regionais face aos acordos do Sinai entre Israel e o Egipto e a crescente influência das forças de direita à escala regional, não tinha outra alternativa não restabelecer a unidade do Líbano, único país onde os palestinos escapavam a qualquer controlo ideológi-

co e militar.

Apesar de toda a imprensa e o governo sírios pretenderem demonstrar que a sua intervenção militar não passa de uma «força simbólica» de paz, o que é certo, a avaliar pela imprensa internacional do bloco imperialista e do bloco soviético — é que as forças sírias que ascendem a 25 mil homens, 200 blindados e força aérea têm feito bastante baixas nas forças palestinas, pelo que não se poderá dizer que a sua intervenção tenha evitado mais derramamento de sangue.

Os ultimatos feitos às forças palestinas, têm-se revestido de grande violência, e a inflexão das forças sírias em direcção às montanhas dominadas pelas forças de Joumbatt, não vêm abonar nada às «cândidas» intenções do exército sírio.

É certo que certos sectores próximos de Damasco, afirmam que a invasão vem cortar, a Israel, a possibilidade de invadir o Sul do Líbano alegando defender a sua própria segurança face à anarquia existente, o que colocaria os sionistas em excelentes posições face ao Golan. No entanto os factos tendem a apontar para um apoio activo de Israel e dos Estados Unidos à intervenção síria.

A POSIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

A posição do governo americano face ao envolvimento de classe não sendo bastante cautelosa; Kissinger a este respeito teria afirmado que não tinham sido consultados, e que mantinham a posição de condenar toda a intervenção estrangeira; no entanto recusou-se a condenar a atitude síria, apontando para a solução negociada que, com um governo central acordado entre ambas as comunidades, poderia pressionar a retirada das forças es-

trangeiras.

No entanto, o «Washington Post», chefe de fila do «establishment» norte-americano afirma que «o Líbano é vítima de uma conspiração entre os Estados Unidos, Israel e a Síria que aponta para a participação do Líbano como ponto obrigatório para a resolução do conflito».

Acrescenta ainda que «o Líbano deve surgir como tendo sido totalmente destruído de dentro», e após a intervenção síria «... o seu desmembramento pode ser apresentado como uma solução lógica e humana».

A POSIÇÃO DA URSS

A posição soviética face ao regime sírio e ao problema palestino, continua a ser uma incógnita. A avaliação, pela posição de condenação «pouco convicta» da invasão síria, parece ser interesse dos soviéticos manter uma certa distância em relação a Damasco e a toda e qualquer negociação para o problema israelo-árabe, apostando no fracasso, a médio prazo, das forças de direita.

A POSIÇÃO INTERNACIONALIZADA DO CONFLITO

A pedido da O.L.P., reuniu a Liga Árabe que decidiu enviar uma «força simbólica» de argelinos, sauditas, líbios e sudaneses que com destacamentos das forças sírias e das forças palestinas devem substituir a força de ocupação síria.

A presença desta força, parece preocupar muito Israel, que ameaça «rever a sua posição de não intervenção» face ao conflito.

Por sua vez o pedido do dirigente falangista Malek à França para intervir, vai ao encontro dos desejos intervencionistas de Giscard, que poderá vir a internacio-



Combatentes da esquerda libanesa

nalizar o conflito, o que já foi vivamente contestado pelos soviéticos.

Israel, tentando ganhar pontos, e perante a posição dos falangistas de não intervir directamente no conflito sírio-palestino, promete grandes concessões nos territórios ocupados «em troca de paz»...

A GRANDE CONTRADIÇÃO

O que é claro, independentemente dos seus apoios internacionais, é o facto da intervenção síria

se das massas libanesas palestinas, constitui hoje para o imperialismo, o instrumento principal para o restabelecimento da sua ordem em todo o Médio Oriente.

Por sua vez a presença de Kossiguine em Damasco, no momento em que o Exército sírio invadia o Líbano, parece reflectir a intenção de, face ao imperialismo e à conjuntura na região, liquidar a autonomia de classe e o movimento nacionalista avesso à «sentença» e chegar a uma solução para o Médio Oriente de partilha pelos dois grandes blocos militares.

Este tipo de acordos com o imperialismo nunca foram estáveis nem nunca o serão; no entanto já não é a primeira vez que a U.R.S.S. faz acordos deste tipo perante regimes árabes considerados fiéis. Com esta atitude será difícil aos

soviéticos manter a sua credibilidade e peso político face a países como a Argélia, a Líbia, o Iraque, e mesmo a Resistência Palestiniana, que representam para a U.R.S.S. indispensáveis pontos de apoio, com vista a um alinhamento no Médio Oriente que não seja exclusivamente pro-americano.

Face à contradição fundamental: de um lado a autonomia das massas, desenvolvida impetuosamente na Resistência Palestiniana e no proletariado libanês, apontando para a libertação palestina e árabe com um conteúdo de classe, do outro lado a «necessidade» em termos árabes e internacionais de diminuir as tensões no Médio Oriente à custa da liquidação do movimento nacionalista e revolucionário com autonomia de classe encaminhando-o no sentido contra-revolucionário não resta outra alternativa às forças progressistas libano-palestinas senão oporem-se por todos os meios ao avanço sírio em nome da independência nacional libanesa e da autonomia da resistência palestina.

Mas para que a resistência generalizada seja um facto, as forças progressistas terão sempre que levar à prática as regiões que controlam. efectivas transformações económicas e políticas, que façam sentir ao povo árabe explorado, o carácter libertador e revolucionário da Resistência.

25 DE NOVEMBRO

Otelo descreve o golpe de Eanes

Sobre o 25 de Novembro, muito continua por esclarecer. Uma coisa é certa: abriu caminho à recuperação da direita, permitindo que a direcção do processo revolucionário fosse invertida, que as principais conquistas dos trabalhadores fossem postas em causa.

Otelo, que esteve no centro de todos estes acontecimentos, que foi inclusivamente acusado de ser a cabeça de um golpe de esquerda, levante, em entrevista ao Diário de Notícias uma ponta do véu que continua ainda a cobrir os acontecimentos do 25 de Novembro — golpe contra-revolucionário que Eanes preparava desde Agosto.

Transcrevemos, na íntegra, as afirmações de Otelo sobre este assunto:

Sobre o 25 de Novembro propriamente dito, e dado que todo esse assunto ainda está em curso na Polícia Judiciária Militar, eu gostaria de não me pronunciar demasiadamente para não quebrar o segredo da justiça militar. Agora é que posso afirmar é que não houve qualquer golpe da esquerda. Eu tinha a noção, através das informações de que dispunha, que estava preparado todo um plano de operações de que o general Ramalho Eanes, então tenente-coronel, era o elemento fundamental e seria ele quem comandaria essas operações.

O plano de operações estaria preparado para ser desencadeado quando a esquerda desse um pretexto e eu sabia que o então tenente-coronel Ramalho Eanes era o planificador das operações para o derube da esquerda. No Copcon eu sabia também que a Região Militar Norte e Centro, salvo alguns oficiais em algumas unidades, estavam já contra o processo revolucionário tal como estava a ser desencadeado, e que a grande força de que eu pudesse dispor residiria em poucas unidades espalhadas pela província, muito poucas (em termos de poder militar nada representavam), e que a minha grande força, em termos militares, poderia residir aqui na grande Lisboa, porque mesmo na periferia unidades como a de Cascais, Mafra e Regimento de Comandos se tinham desligado do processo de apoio intransigente às massas populares de todo o País.

A minha grande preocupação no Copcon, em contacto com os outros oficiais, era a de que a nossa força estava muito limitada (dizer-se que o Copcon era a grande força do País, nessa altura, era falso) e que só teríamos que ter em atenção não dar nunca pretexto a que fosse desencadeado o tal plano de operações que estava já prepa-

tamente arquitetado, a partir de Setembro. No entanto a sua preparação começou antes, em Agosto. Aliás o próprio semanário «Tempo» imediatamente a seguir ao 25 de Novembro refere isto dizendo que o 25 de Novembro começou a ser preparado em Agosto.

Entretanto, as provocações foram-se acumulando cada vez mais. Há a destruição do general Vasco Gonçalves, que foi fácil, dadas as condições criadas por determinadas forças políticas à volta dele e que o levaram a um isolamento muito grande. E embora eu tenha solicitado ao general Vasco Gonçalves que se desligasse e soubesse independentizar-se dessas forças (ou se desligasse quando o círculo estava a apertar-se em volta dele) abandonando as suas funções para uma maior independência de atitudes, ele não aceitou, digamos esses conselhos que eu lhe dei (eu era desiluso novo em relação a ele) e o círculo foi-se apertando, e foi fácil eliminá-lo. Depois, eliminaram o Corvalho e eu sabia que a curto prazo podia ser o caminho a que eu também chegaria.

As provocações foram surgindo cada vez mais intensas até que a provocação final surgiu realmente em Novembro, numa aceleração muito grande, quando é imposto o Vasco Lourenço para comandante da Região Militar de Lisboa. Em quatro dias processam-se casos extraordinariamente importantes.

Em 20 de Novembro há uma reunião em S. Julião da Barra em que eu estou durante cinco horas a bramar contra o deserto, a dizer que realmente não tinha qualquer possibilidade de apoiar o Vasco Lourenço porque não era eu apenas que estava em jogo (ou o facto de eu, Otelo de Carvalho apoiar Vasco Lourenço para comandante da Região Militar de Lisboa) mas sim o momento políti-

co em que aquilo não interessava absolutamente nada, porque as unidades que me eram afectas não aceitavam o Vasco Lourenço. Falei sozinho, ninguém apoiou ou desapoioou.

Em 21, depois de ser anunciado o Vasco Lourenço para comandante da Região Militar há uma concentração no Copcon de militares e de comandantes ligados à R.M.L. que foram protestar contra o Vasco Lourenço, não o aceitando para o comando da R.M., o que motiva uma ida minha a Belém para reiterar ao general Costa Gomes, na presença do Vasco Lourenço, que era impossível realmente dar-lhe o apoio que ele dizia necessitar para que pudesse iniciar as suas funções na Região Militar. O Vasco Lourenço, nessa altura diz que recusa ser comandante da R.M.L., e eu julgo o problema solucionado.

No dia 22 o Sousa e Castro, com minha autorização, convida para o Quartel-General os comandantes das unidades da Região Militar de Lisboa que não tinham estado presentes na reunião no Copcon no dia 21 e se mostravam muito indignados pelo facto das palavras proferidas pelo meu porta-voz (que as unidades da R.M.L. não aceitavam o Vasco Lourenço) dizendo que não tinham estado presentes e, portanto, não podiam estar vinculados à essa posição. Muitos deles diziam que não era o facto de o Vasco Lourenço ir para comandante da Região porque também não o aceitavam, mas que não queriam era que alguém passasse por cima deles para tomar decisões.

Nessa reunião eu vejo com surpresa a presença de oficiais que se tinham auto-sanado do Regimento de Polícia Militar; vi oficiais daquela grupo de 123 oficiais para-queadistas que abandonaram Tanços com armas e munições e que depois no plano operacional apareceram em Cortegeira. O próprio Ramalho Eanes estava presente e é ele próprio que me lança um ultimato. Entretanto, nessa reunião eu estranhei a presença dele e dos outros oficiais dizendo: «eu julgava que vinha para uma reunião de comandantes das unidades da minha Região Militar que não estiveram presentes ontem no Copcon, mas afinal temos aqui gente que não pertence à minha Região Militar». Era o caso dos oficiais de cavalaria que estão na Di-



recção da Arma de Cavalaria e dos oficiais para-queadistas. Era o caso de Ramalho Eanes, a quem eu perguntei: «tu por exemplo, pertences à 5.ª Divisão do E.M.G.F.A., não pertences à minha Região Militar, porque estás aqui?»

Houve larga discussão, o ambiente era hostil, e a certa altura o próprio Ramalho Eanes diz-me que eu tenho que aceitar o Vasco Lourenço para a Região Militar. Eu expliquei-lhe qual era a situação. Se fosse há uns meses atrás o Vasco Lourenço era aceite pelas massas como um homem que estava com a Revolução e isso teria sido fácil, aliás eu próprio propus isso ao Vasco Lourenço que, na altura não aceitou porque julgava que havia ali uma jogada política para o afastar de outras funções. E é muito possível.

Mas, agora, Ramalho Eanes disse «pois tu tens que aceitar o Vasco Lourenço e na segunda-feira na reunião extraordinária do Conselho da Revolução tu tens que dizer que apoias o Vasco Lourenço». Eu disse-lhe que realmente não estava disposto a fazê-lo porque não podia. Então o Ramalho Eanes lança-me o ultimato, dizendo-me «pois tu tens este fim de semana para pensar e se até segunda-feira não tomares essa posição talvez depois seja demasiado tarde para ti».

Entretanto, não obstante esse ultimato, na reunião do Conselho da Revolução eu reiterei a minha posição. Com grande espanto meu, o Vasco Lourenço toma a palavra a seguir e diz «pois eu agora exijo ser comandante da Região Militar de Lisboa». Isto leva-me a pensar que durante aquele fim de semana o Ramalho Eanes e os elementos da chamada Frente Militar Única devem ter pressionado o Vasco Lourenço a aceitar o cargo. Isto foi a provocação final e essa Frente Militar Única estava con-

vinçada de que isso seria o argumento final para fazer saltar a chamada esquerda militar, as unidades que me eram afectas, como a Polícia Militar, o Ralis e outras, e devem ter ficado espantadíssimos quando, ao fim e ao cabo, as minhas unidades se mantêm quietas, apenas em regime de prevenção e são os para-queadistas, que acabam por ocupar as bases aéreas, o que ainda hoje estou para saber porque, muito embora tenha a minha teoria.

Só assim é que eu posso entender essa coisa espantosa que é o posto de comando (instalado com Ramalho Eanes, na Amadora, desde o dia 24) não ter mexido uma palha senão 12 horas depois de os «páras» terem ocupado as bases. É que eles esperavam um pretexto a partir das minhas unidades de Lisboa, mas estas ficaram absolutamente quietas, apenas em regime de prevenção rigorosa.

A Frente Militar Única precisou, então, de um período de 12 horas para pôr em acção o seu plano, o qual tinha sido elaborado na perspectiva de um pretexto eventual das unidades de Lisboa.

Ora, se houvesse algum golpe de esquerda para impôr um totalitarismo como Ramalho Eanes, por vezes, tem anunciado, é evidente que um golpe não se faz com as pessoas quietas, as unidades tinham ocupado posições, tinham tomado objectivos, tinham tomado posições violentas de confrontação. Ora a verdade é que as únicas actividades violentas surgem depois das 6 horas da tarde, quando finalmente a Frente Militar Única decide que, mal por mal, deve aproveitar o facto de os para-queadistas terem ocupado as bases para lançar o tal plano de operações que estava preparado. Portanto as acções violentas surgem a partir da ida dos comandos a Monsanto em que os «páras», é evidente, não es-

tavam preparados para qualquer confronto, se entregam, se rendem facilmente.

Aliás, eles não se propunham entrar em confronto com camaradas militares a muito menos na «guerra civil». Há depois todo o assalto por parte dos Comandos a unidades militares, como a Polícia Militar que estava muito sossegadinha com os portões fechados e é assaltada, e todas as acções de violência se desencadeiam na prossecução de um plano que estava já preparado há muito tempo.

Quanto à minha prisão, os motivos apresentados nos relatórios é evidente que são extremamente débeis, frouxos e não têm nada de positivo. Aquilo que eu posso dizer, muito concretamente, é que a parte que se refere à maioria das unidades que lá estão em jogo, todo o relatório é construído com base em denúncias inteiramente falsas. E chega ao ponto do ridículo quando diz, por exemplo que no dia 27 eu estava reunido com camaradas no Copcon, que me chamavam com barde, que deveria ir a Tanços, porque as forças estavam à minha espera, e que um camarada meu me puxou pelas bandas do casaco... Simplesmente houve elementos militares, que eu me recuso a chamar de camaradas militares, que estavam presentes no Copcon, que não estiveram presentes sequer na conversa que nós estávamos a ter, e que fizeram os seus pseudo-relatórios, que foram entregar aos comandos que controlavam o plano de operações. Portanto, com base em denúncias extremamente falsas, procurou-se construir toda uma história que seria apresentada publicamente com certa viabilidade. Eu venho a ser preso, em 20 de Janeiro, mercê de um relatório que, de concreto, de positivo, de verdadeiro, não tem absolutamente nada.